

**QUEM FOI QUE INVENTOU A MANIA DE PJOTEAR?  
O incondicional como motivação de identidades e militâncias em  
composições da pastoral da juventude.**

**Who Invented the a Way to *Pjotear*?  
Unconditional as motivation identities and militancy in the youth  
ministry compositions.**

Joilson de Souza Toledo\*

**RESUMO**

A musicalidade é um dos elementos marcantes das juventudes. Várias músicas têm marcado momentos das juventudes e da sociedade brasileira. Elas expressam trajetórias e posturas, e por vezes, implicações sociais e agendas políticas. Com a Pastoral da Juventude (PJ) não é diferente. Suas músicas testemunham utopias e militâncias, teologias e opções existências de jovens que vivem sua militância como expressão “de estar possuído por aquilo que os toca incondicionalmente” (TILLICH, 1985, p. 5). Tendo por base a Teologia da Cultura de Paul Tillich, aplicada à MPB por Carlos Brandão Calvani (1998), queremos, nesta comunicação, captar o teológico presente na caminhada da PJ. Refletir sobre o “Incondicional”, que motiva e se expressa em composições escolhidas como referências de “momentos kairológicos” para a PJ nos estados de Santa Catarina, Ceará, Espírito Santo, Amazonas e Roraima, neste alvorecer do século XXI. Tomando por base estas experiências emblemáticas de uma pequena amostragem dos lugares onde a PJ está presente, buscamos captar tendências que têm perpassado sua caminhada em todo o Brasil.

**Palavras Chave:** Pastoral da Juventude. Música. Identidade. Teologia da Cultura. Mística.

**ABSTRATC**

The music is one of the striking elements of youths. Several songs have marked moments of youths and Brazilian society. They express trajectories and postures, and sometimes social implications and political agendas. With the Youth Ministry (PJ) is no different. Her songs testify utopias and militancy, theologies and stock options of youth living his activism as an expression "of being possessed by what touches them unconditionally" (Tillich, 1985, p. 5). Based on the Theology of Culture by Paul Tillich applied to MPB by Carlos Brandão Calvani (1998) in this paper we capture this theological walk in PJ. Reflecting on "Unconditional" which motivates and is expressed in compositions chosen as references to "kairológicos

\* Mestrando em Ciências da Religião pela PUC – Goiás. Especialista em Formação para a Vida Religiosa pela ESTEF/RS. Membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB) e.mail: mistagogo@yahoo.com.br

time" for PJ in the states of Santa Catarina, Ceará, Espírito Santo, Amazonas and Roraima this dawn of the XXI century. Based on these experiences emblematic of a small sampling of the places where PJ is present seek to capture trends that have permeated their walk across Brazil.

**Keywords:** Youth Ministry. Music. Identity. Theology of Culture. Mystique.

## Introdução

O senso comum fala de desmobilização das juventudes. Estudos apresentam a emergência de novas formas de se organização (BOX 1828). Contudo, a Pastoral da Juventude (PJ) celebrou 40 anos, em 2013, sendo uma das organizações juvenis de maior capilaridade no cenário nacional. O que possibilita isso? Que experiência favorecerá esta organização de jovens que ainda a faz atrativa a uma parcela das juventudes? Mais do que pensar as marcas deste grupo queremos, neste artigo, perguntar-nos sobre o que motiva estes jovens a fazerem as escolhas que abraçaram?

Neste caminho, o instrumental construído por Paul Tillich, da maneira como é usado por Carlos Eduardo Brandão Calvani em sua tese de doutorado: *Teologia e MPB*, pode ser uma referência significativa, isto é, a Teologia da cultura pode ajudar a evidenciar o que há por trás das mesmas: o incondicional, como formulou Tillich, ao nos debruçarmos sobre composições da PJ. Queremos realizar este objetivo do lugar de pesquisador e de ser assessor desta mesma pastoral, em sintonia com o pensamento do autor que nos serve de referencial teórico, reconhecendo a função da subjetividade em qualquer exercício hermenêutico (CALVANI, 1998, p. 14). Aqui, a subjetividade “não se torna a fonte para os conteúdos da teologia, mas o meio pelo qual são existencialmente recebidos” (CALVANI, 1998, p. 15).

A música *Amor de Índio* expressa uma cosmovisão que reconhece o sagrado presente e manifesto em tudo. De certa forma, a obra de Paul Tillich possibilitou a seus contemporâneos e, também a nós, reconhecer o sagrado/incondicional em

todas as produções culturais. Ele oferece um instrumental para nos aproximar daquilo que move as pessoas, do que elas expressam que as mobiliza.

Aqui queremos trazer presente conceitos chave da Teologia da cultura de Tillich e depois partir para a aplicação que Calvani faz destas ferramentas em sua tese de doutorado, obter luzes para a mesma empreitada junto composições da PJ.

### **Paul Tillich e a Teologia da Cultura**

Paul Tillich é um teólogo alemão, de tradição luterana. Nascido em 20 de agosto de 1886. Filho de um pastor, também chegou a exercer o ministério. Teve uma carreira teológica brilhante atravessada pela ascensão do nazismo. No início da primeira grande guerra foi capelão do exército de 1914-1918. Esta experiência marcará sua trajetória. Sua Teologia é pensada para o diálogo com quem esta “de fora” da igreja e marcada pelo questionamento da grande guerra. Vive num momento em que a fé era muito questionada. Não somente pela sociedade que começava a se secularizar, mas também pelos próprios teólogos. Quando ainda lecionava Teologia em Berlim, lança o projeto de uma Teologia da Cultura.

Com a expansão do nazismo se vê forçado a ir para os EUA, em 1933. Lá, junto com sua dedicação às aulas de Teologia na Faculdade, torna-se progressivamente um teólogo que circula nos espaços das exposições de arte. Ele tem uma série de conceitos que formam um cabedal importante, como: incondicional, método metalógico e teonomia.

Inspirado em Otto, *O Sagrado* (1985), afirma a incondicionalidade do sagrado (CALVANI, 1998, p. 46). Por isso, o conceito de incondicional, é fundamental para sua Teologia da Cultura e para o nosso artigo.

A hermenêutica estética de Tillich depende inteiramente de sua teologia, mais especificamente de sua compreensão de Deus como Incondicional, a fonte de sentido que anima e sustenta toda cultura (...) Em vez de utilizar a tradicional palavra “Deus”, Tillich escolhe a expressão “Realidade Última”, indiciando sua opção por falar de Deus como o Incondicional, o fundamento último, o fundamento e abismo do ser ou o ser-em-si. Ele afirma que embora o termo “Realidade Última” não seja outro nome para Deus, ainda assim é

possível utilizá-lo desde que esteja inserida a idéia propriamente teológica de Deus com o Incondicional (...) Uma vez que a idéia de Deus inclui a Realidade Última, tudo o que expressa a Realidade Última também pressa Deus, intencionalmente ou não, e não há nada que possa ser excluído dessa possibilidade (CALVANI, 1998, p. 77).

Em 1919 pronuncia uma palestra programática “sobre a ideia de uma Teologia da Cultura”. Esta se propõe a estudar o conteúdo religioso de tudo, na cultura. Para tanto se propõe a analisar teologicamente toda criação artística (CALVANI, 1998, p. 80).

Nisso consiste propriamente a teologia da cultura: penetrar nos subterrâneos espirituais da vida, de onde provém a arte, a religião, a economia, a filosofia, e mostrar que toda cultura está prenhe de revelação, e que cabe ao teólogo da cultura fazer o parto, num exercício semelhante à maiêutica socrática. Toda realidade cultural e finita pode ser revelatória do divino e todo objeto criado pode se tornar símbolo da realidade última (CALVANI, 1998, p 49).

Para Tillich tudo, de alguma forma, manifesta o incondicional, tudo nos remete à preocupação última, por isso ele via a religião como um elemento inerente à vivência humana e presente em todas as produções humanas, em toda a cultura. “A religião é a orientação para o Incondicional, e a cultura é a orientação para as formas condicionadas e sua unidade” (TILLICH apud CALVANI, 1998, p. 57). A Teologia da Cultura busca captar as manifestações do incondicional apercebendo-se das densidades diferentes. “Tillich busca apreender o Incondicional nas formas condicionadas” (CALVANI, 1998, p. 57). “Na ação cultural, o religioso é substancial; na ação religiosa, o cultural é formal” (TILLICH apud CALVANI, 1998, p. 57). Desta forma, o teólogo da cultura capta as manifestações do incondicional para além do universo confessional.

Nesta busca de reconhecer o conteúdo por trás das formas, Tillich nos apresenta os conceitos de autonomia e teonomia. “Teonomia tem a ver com o grau de transparência do conteúdo sobre a forma” (CALVANI, 1998, p. 50). Contudo,

ele nos lembra que não existe cultura ou expressão cultural totalmente autônoma ou teônoma. “Quando o Eterno irrompe na história humana e o Incondicional se torna transparente na cultura, vivencia-se um *Kairós* e o início de uma época teônoma” (CALVANI, 1998, p. 53).

Este teólogo buscou, nas formas culturais, o incondicional. Mais especificamente, na análise de obras de arte. Via a arte como a expressão mais elevada da cultura. Acreditava que toda a expressão pode ser vista em forma e conteúdo. O conteúdo é o incondicional. As formas sinalizam o conteúdo. Por isso se aplicou a teologizar o que aparentemente não é teológico, em dar visibilidade ao que não é tão reconhecido.

O interesse volta-se não apenas para a tradição eclesial, mas para o lugar vivencial em que essa tradição se situa: a cultura em sua multiplicidade de relações e, em especial, para áreas geralmente menosprezadas como de pouco valor teológico, como as artes e a música popular (CALVANI, 1998, p. 69).

Para ele, o conteúdo é objeto da experiência. A experiência estética é impacto, um estado do ser. Impacto que vai além do conceito: toca o corpo, o sentimento e as convicções profundas. Áreas que também têm uma dimensão irracional. “Nas produções culturais estão presentes intenções conscientes ou não, inquietações metafísicas, desejos de autotranscendência ou a expressão do que o artista encontra em seu momento criativo no que se refere ao sentido ou a falta dele” (CALVANI, 1998, p. 106).

Neste caminho que trabalha com o conceitual, sem desprezar o impacto, a experiência subjetiva foi chamada por Tillich de método metalógico, para “além da lógica”, mas sem negá-la. Um método que é, ao mesmo tempo, crítico e intuitivo (CALVANI, 1998, p. 55). Uma hermenêutica teológica onde a intuição tem um peso considerável.

### **Carlos Calvani e a Teologia a Partir da MPB**

Da mesma forma que a Teologia trabalha com a filosofia, a sociologia e a antropologia pode, também, se relacionar com a música. Esta nos traz lampejos do incondicional, pois expressa o que os conceitos não conseguem expressar. Música é conceito, mas também é paixão. Ela nos permite entrever... Mostra sentimento de uma época ou de um grupo. Revela a compreensão de mundo, dramas existenciais, relacionamentos políticos, necessidades de produção de sentido.

Se Tillich, em seu contexto, se dedicou às esculturas e pinturas, especialmente ao expressionismo, Calvani se dedica às músicas de MPB. O autor tem uma série de artigos que traduzem o pensamento de Tillich para a realidade brasileira. Busca ler nas músicas a presença do incondicional em nossa cultura. Quando fala em MPB, Calvani reconhece que está diante de uma grande diversidade. Além do caráter sincrético e híbrido, salienta o caráter fortemente antropofágico de MPB. Ela consegue absorver, “engolir”, várias expressões culturais e se reconstruir a partir dela. Em sua tese trabalha com muitas composições de Gil, Caetano, Chico, Milton nascimento, Legião Urbana (CALVANI, 1998, p. 141-262).

Portanto, selecionamos apenas algumas de suas composições, a fim de compreender de que modo expressam questões relacionadas à religião, ao Transcendente, à consciência da grandeza e ao mistério do Sagrado, à fragilidade da vida e à imprescindível e imperiosa necessidade de produzir alegria e dar sentido à vida (CALVANI, 1998, p. 139).

Entende que “as canções são resultado de uma dinâmica interação com o Sagrado, embora nem sempre sejam nomeadas como religiosas ou teológicas pelos compositores” (CALVANI, 1998, p. 138). Destacando a originalidade do pensamento de Tillich para sua época e a relevância do estudo da MPB para uma maior aproximação da experiência de sagrado feita pelas pessoas, CALVANI concluiu sua obra com a seguinte afirmação:

As religiões tradicionais nesse fim de século convivem com o fracasso, não representam praticamente nada para muitos setores da população e não conseguem mais lidar adequadamente com aquilo

que as constitui: o glorioso e abissal mistério resplandecente de Deus. Mas, se as religiões tradicionais estão em crise, o sagrado busca outros caminhos de comunhão, revelação e salvação; a arte é um deles. Resta à teologia contemporânea decifrar os sinais do sagrado na espiritualidade das canções populares. A tecnologia do mundo moderno e a falência das religiões tradicionais não significam a perda da dimensão do transcendente, pois, como diz o compositor, “mistério sempre há de pintar por aí” (1998, p. 270).

Na pergunta sobre o que motiva as militâncias e identidades, convém deter-nos um pouco no espaço onde se dão estas militâncias e identidades e o lugar das músicas em espaços juvenis. Portanto, antes de entrarmos na análise das composições da Pastoral da Juventude, vamos abordar elementos que nos ajudam a contextualizar a “mania de pejotear” que são o cristianismo da libertação, parcela da experiência cristã na qual a PJ está inserida e o lugar das músicas na construção de identidades das juventudes.

### **Juventudes Dentro do Cristianismo de Libertação**

Quando falamos de PJ a entendemos como alguns cientistas sociais no contexto do cristianismo da libertação ou cristianismo político. Para tal investigação vamos apresentar a Pastoral da Juventude a partir do pensamento de Sofiati, Löwy e Hervieu-Léger.

O movimento social que Löwy chama de cristianismo da libertação surge no começo da década de 60 (LÖWY, 2000, p. 56) dando origem à práxis que fundamenta a Teologia da Libertação. Experiência de seguir Jesus no compromisso com os empobrecidos. Ao traçar as características da Teologia da Libertação o autor lembra a crítica à dualidade da Teologia tradicional (LÖWY, 2000, p. 61). Nesta perspectiva a prática de oração e militância, a vida de fé e o compromisso social estabelecem uma relação dialética, onde um elemento pressupõe o outro, ao ponto de configurar um papel subversivo da experiência religiosa.

Daniele Hervieu-Léger, em o *Peregrino e o Convertido* (2008) também nos oferece uma chave de leitura para entender a experiência de seguimento de Jesus

que se dá no cristianismo da libertação ou, mais especificamente, na PJ. Ao falar sobre as identidades religiosas em movimento (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 65), a autora aborda as dimensões que estruturam o cristianismo: ética, cultural, afetiva e comunitária. Afirma que, na configuração de binômios, é que se dá a constituição de maneiras diversas de viver a fé católica neste momento histórico. Um destes binômios a autora chamará de cristianismo político (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 78), aonde a experiência de adesão à fé vem marcada pela relação com a militância social.

Continuando a configurar esta experiência de cristianismo político ou cristianismo da libertação, no âmbito da juventude, encontramos na apresentação de *Juventude Católica: O novo discurso da Teologia da Libertação*, livro que resultou da dissertação de mestrado de Flavio Sofiati, a seguinte descrição de Löwy:

Esse movimento inclui setores significativos do clero – padres, freiras, ordens religiosas, bispos – dos movimentos religiosos leigos, como a Ação Católica, a JUC, a JOC, das comissões pastorais – como Justiça e Paz, Pastoral da Terra, Pastoral Operária, **Pastoral da Juventude**<sup>1</sup> – e das comunidades eclesiais de base (CEB's). Trata-se de uma ampla e complexa rede que ultrapassa os limites da Igreja como instituição, e que reúne, a partir dos anos 1970, milhões de cristãos que partilham a “opção prioritária pelos pobres” – um compromisso social que não mais considera o pobre como objeto da caridade cristã, mas como sujeito histórico de sua própria libertação (SOFIATI, 2012, p. 13).

A Pastoral da Juventude, em seus 40 anos de caminhada, tem-se configurado como um exemplo significativo do braço jovem do cristianismo da libertação. Os membros da PJ são impulsionados ao compromisso com o Reino de Deus como elemento central de seu projeto de vida e vivem o seguimento de Jesus comprometidos nos mais diversos campos da vida eclesial e social. Seu processo de

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.



educação na fé chega a um momento em que a pessoa dá um passo de se comprometer mais. Reconhecendo os mecanismos sociais anti-evangélicos, tais como exclusão social, racismo, homofobia, patriarcado, sente-se chamada a transformá-los. A estas pessoas, com esta experiência, a PJ chama de militantes (CELAM, 2012, p. 157-60).

Assim, é possível falar da militância não somente como “agir”, mas também um “se deixar levar” pelo mistério de Cristo, manifestado nos pobres, nos jovens, nas lutas onde os/as “militantes” se engajam. De alguém que se deixa seduzir e assume as consequências disso, como Jeremias (Jr 20, 7-9). De um povo que se deixa levar por uma utopia de amor e liberdade, tal qual a caminhada do povo no deserto (Nm 9,15-23). Como Paulo, depois de uma longa jornada, expressa sua autocompreensão na carta ao filipenses (Fil 3, 7-11), ou na imagem de Pedro que aparece no Evangelho de João: “é deixar que alguém ponha o cinto em você e o leve pra onde você não quer ir” (Jo 21, 18).

Esta experiência de relação com a mudança social dentro da PJ marca toda a sua espiritualidade e opções pedagógicas (ANDRADE; VIERA; SILVA, 2012, p. 46-55). Herdeira da Ação Católica (DICK, 2013, p. 19), a PJ traz, em sua metodologia, um jeito de ser, onde crer e viver, onde fé e vida, espiritualidade e compromisso social, cristianismo e envolvimento com a vida concreta da juventude e da população em geral se alimentam e se questionam numa relação dialética. Dentro da identidade da PJ, a vida é acolhida em seu potencial criativo e a valorização da arte e da música se dá neste contexto (ANDRADE; VIERA; SILVA, 2012, p. 18). Tratando a identidade da PJ a partir do contexto em que está inserida, Dick nos lembra que

É o objetivo que confere identidade a algo. E o objetivo da Pastoral da Juventude é a evangelização da juventude em suas diversificadas realidades. Levar, aos diversos tipos de jovens, a Boa-Nova da felicidade trazida por Jesus Cristo. Essa é sua identidade. (...) Em vista desse objetivo, a Pastoral da Juventude defende uma Teologia, uma Pedagogia, uma leitura da realidade e, de modo especial, faz algumas opções pedagógicas (2013, p. 41).

Na compreensão de sua identidade e na vivência da militância encontramos na PJ tradição e ruptura, leituras e releituras das culturas locais, um esforço em mapear costumes libertários e dar destaque a posturas que possibilitam expressões concretas do Reino de Deus.

### **A Música dentro da formação das Identidades Juvenis**

A musicalidade é uma das expressões das juventudes e com a PJ não seria diferente. Nela se manifestam as identidades e as militâncias da PJ. Os cantos podem ser usados pelos grupos para visualizar o que os “toca incondicionalmente” (TILLICH, 1985, p. 5). As músicas expressam o profundo do que trazem. O que os move e comove. São um dos meios onde mais se manifesta a preocupação última.

Em se tratando, especificamente, das músicas no âmbito da juventude, convém dialogar com, ao menos, uma pesquisa feita neste campo. Elas mostram que “a obra torna-se veículo das posições do indivíduo no mundo” (KEMP apud DAYRELL, 1999, p. 27). E mais especificamente “os jovens sentem através da música algumas coisa que não podem explicar nem exprimir: uma possibilidade de reencontrar o sentido” (KEMP apud DAYRELL, 1999, p. 28). Por isso, pensando em nos aproximar do que mobiliza estes jovens a configurarem as identidades e as militâncias que vivem na PJ, tomamos por referência algumas composições que relevam a culminância de atividade que mobilizaram centenas ou milhares de jovens e grupos em vários estados brasileiros em atividades diversas, todas com um elemento comum de reafirmar escolhas, identidades e militâncias.

### **O Contexto das Composições**

Mesmo não nos detendo nas composições da MPB acreditamos ser pertinente o uso do instrumental da Teologia da Cultura, pois também estas músicas, nascidas no espaço eclesial, são produções culturais. A própria postura que a PJ adota, a de buscar estar mais envolvida com a dinâmica extra-eclesial, que

por vezes a põe numa situação de fronteira, torna possível aplicar, também, a estas quatro composições da PJ a apropriação que Calvani faz do pensamento de Tillich.

As composições escolhidas fazem parte de um processo de comemoração e afirmação da identidade. Sintetizam, de forma lúdica, o que se quer com estas atividades para as quais foram pensadas. Testemunham marcos na caminhada pastoral, que culminam e deslancham processos. Através destas músicas podemos ler traços do momento junto com a inspiração particular dos compositores, todos jovens que fazem parte da mesma pastoral. Elas passaram pelo crivo de uma equipe responsável pela atividade ou pela coordenação de uma instância. Desta forma refletem uma experiência coletiva local e, ao mesmo tempo, articulada com as opções metodológicas da PJ, sistematizadas em nível nacional.

Foram cantadas num período de vários meses que antecederam as atividades e a própria atividade em questão. Foram compostas para afirmar o “algo mais”, uma experiência de sagrado que, enquanto crentes, os membros da PJ experimentam em Deus, pela fé, no seguimento de Jesus, que os motiva e, dentro da lógica tillichiana, poderíamos relacionar com o incondicional ou preocupação última (CALVANI, 1998, p. 77). São, no estilo da PJ, “profissões de fé” e, por isso, testemunham no que os “pejoteiros” destas terras creem, o que eles vivem e porque militam. O incondicional se deixa ver na alegria de ser o que são. Como canta a própria MPB “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Cada uma das composições, ao seu jeito, foi um momento kairológico para uma determinada região do Brasil.

### ***O Som do teu Amor me Faz Canção. Tocando o Sagrado que nos Toca em Composição da PJ***<sup>2</sup>

A música é um elemento marcante em várias expressões sociais e religiosas. Sinaliza o transcendente que perpassa situações, vidas e trajetórias. Com as perguntas “De onde vem o que mobiliza os jovens que estão na PJ? O que os impulsiona a serem “pejoteiros”?” iluminaremos nosso olhar tomando em mãos as

---

<sup>2</sup> Música Suave luz de Nando do Cordel.

quatro composições sobre as quais se debruça nossa pesquisa. Assim, ao submeter estas músicas ao método metalógico, nos colocamos diante do que move e comove a PJ nestes contextos.

O Hino *Pra Celebrar* foi composto por Welington Serra para as comemorações dos 25 anos da PJ no Estado do Espírito Santo. Esta celebração teve como ponto culminante a realização de um Dia Nacional da Juventude estadual na cidade de Vitória. A atividade ocorreu em 30 de outubro de 2010, na Praça do Papa, reunindo milhares de jovens das quatro dioceses daquele Estado.

Pé na estrada de sandália, segue o dia já clareou.  
Vem ligeiro, sem demora, vem que a festa já começou.  
Tem batuque e ciranda lá na vila. A vida um abraço que se dá  
Tem congada na praça de esquina, lembranças e histórias pra contar  
São 25 anos pra celebrar (2x)

Ô, ô e a Penha abençoou. Pela serra e o mar se encantou quem aqui chegou.  
Tá no canto, tá na ginga de quem ousa, trabalha e confia  
É uma sede. É uma força. É um mistério de amor que anuncia

Juventude que escreve o seu caminho e espalha utopia pelo ar  
Traz o anel que a bandeira já vem vindo e o vermelho que é pra incendiar  
São 25 anos pra celebrar

Ô,ô e a Penha abençoou. Pela serra e o mar se encantou quem aqui chegou  
Nos amor, nas cores, nas dores de um estado inteiro.  
Nos recantos, encontros, encantos desse meu lugar.  
Juventude vem mostrar ter jeito de evangelizar.

Quem foi que ensinou a lutar? Quem foi que pôs a rezar?  
Quem foi que inventou a mania de pejotear?

A música *Pra Celebrar* reflete a presença do incondicional no cotidiano dos pejoteiros, mas também na realidade física. Seu próprio título expressa que é preciso festejar, comemorar um caminho feito. Um caminho marcado por algo que encanta. E assim expressa as dimensões da arte, enquanto dimensão antecipadora (CALVANI, 1998, p. 142-7) e, porque não dizer, para além da história. Na festa o futuro e o passado se tornam presentes.

Ela inicia convidando a festejar, a se apressar para a festa já iniciada. Esta é a celebração dos 25 de articulação da PJ no Estado, mas também pode ser vista

como a própria caminhada da Pastoral. Trazendo elementos da realidade cultural capixaba, evoca o vivido, que deve ser partilhado. É um convite à festa, retomar a memória, festejar a realidade. Em vários momentos da música se repete o verso “São 25 anos pra celebrar”. É “Co-memorar”, fazer memória juntos. Pois, a dimensão da festa não permite o esquecimento.

Aí está a Virgem da Penha, tão presente na religiosidade popular capixaba. O incondicional se revela “no canto, na ginga de quem ousa trabalha e confia”. Sentido como falta e vitalidade, paixão que se deixa ver. Como algo que não pode ser deixado de lado, que não pode ser não atendido. “É um mistério de amor que anuncia”.

O protagonismo juvenil que gera sonho e vida para os lugares onde a PJ está inserida ajuda os jovens a escreverem seus caminhos pessoais. Deixa-se entrever nos símbolos: a bandeira vermelha, com a sigla numa cruz, vista em perspectiva de baixo pra cima e o anel de tucum. Este último é um símbolo compartilhado pelas pessoas que estão nas CEB's e nas Pastorais Sociais dentro da militância e da opção pelos pobres vivida como expressão do incondicional. O fogo aparece como símbolo do incondicional.

Tudo presente na realidade, testemunha o que é vivido com tanta intensidade que parece ser sentido pela ou na própria geografia local. Há algo de encantador na realidade. O incondicional se mostra na história vivida, nas escolhas feitas, no contexto vivenciado. É nesta experiência comum, que acontece em vários cantos, de formas distintas e/ou similares, revelando a unidade do estado. Nestes 25 anos, esta juventude construiu um jeito de evangelizar. A comemoração é um testemunho de um jeito de viver e anunciar o evangelho.

A música termina numa postura de êxtase ou encantamento com o caminho feito, onde o sujeito que contempla o processo, se pergunta: Qual a origem do que foi vivenciado? Ao olhar a experiência tão intensa se pergunta pela origem das expressões de fé e militância. O termo “mania” reflete o imperativo, que marca, que inquieta, impulsiona.

Outra composição para comemorar o aniversário da articulação da PJ num Estado é a *Canção da Esperança* que celebra os 30 anos da PJ de Santa Catarina. A Comemoração se deu num grande acampamento que envolveu as 10 dioceses do Estado de 15 a 18 de novembro de 2012, na comunidade Santa Lúcia, no município de Ouro/SC, diocese de Joaçaba. Esta atividade teve como tema “30 anos construindo um jeito jovem de ser igreja” e por iluminação bíblica “trabalhamos e lutamos é porque depositamos a confiança no Deus vivo” (1Tm 4, 10):

Em nossos olhos brilha a esperança,  
Neste chão fértil onde a semente é lançada,  
Quando tudo silencia nossa voz é profecia  
O rosto jovem faz florir a utopia.

*Vem juventude, trabalhar, lutar, sonhar!*  
*Pastoral da Juventude Igreja Jovem em Missão*  
*Caminhando há 30 anos com Jesus na contramão (bis)*

Comprometidos com o Deus libertador  
A favor da vida, contra a opressão  
De mãos dadas a caminho, em um grande mutirão,  
Nos tornamos testemunhas da fraterna comunhão.

Que o Deus vivo nos dê coragem  
Pra como Ele, amar até o fim  
Novo céu e nova terra nós queremos construir,  
Outro mundo é possível se você disser que SIM!

Há algo, no estilo destes jovens, que traz vitalidade, que grita quando tudo se cala. Suas vidas e militâncias são marcadas por um entusiasmo. Olham a realidade com senso crítico e esperança. A PJ se mostra como um convite, um espaço de possibilidade de transformação: “vem juventude, trabalhar, lugar, sonhar”. É espaço de ser jovem dentro da igreja. Uma igreja marcada pela dimensão missionária. Jovens que optaram pelo seguimento de Jesus no compromisso com os empobrecidos e, por isso, se colocam “com Ele” na contramão como afirmou uma obra de Carlos Mesters (1995). Este refrão marca de forma cadenciada e contundente o coração da experiência do incondicional feita por estes jovens.

O contato com o incondicional deixa um rastro, fascina. Chama a assumir seu jeito. A militância dos jovens nasce da maneira como experimentam o sagrado. A partir desta experiência pessoal e coletiva eles se dispõem a assumirem posturas e ocuparem espaços. Mais uma vez, na última estrofe, num tom de prece, pedem para aprender com o incondicional, seu jeito de ser. Viver o amor como forma de militância. O *novo céu e nova terra* profetizados (Ap 21, 1) são um desejo destes jovens e expressam *outro mundo possível*, slogan do Fórum Social Mundial.

### **Incondicional a Luz que Tudo Ilumina. *Minha Bandeira Vermelha*<sup>3</sup>: Hino do Encontro Regional da PJ**

De 14 a 17 de novembro de 2013, em Caucaia/CE, aconteceu o Encontro Regional da Pastoral da Juventude do Regional Nordeste 1 da CNBB. As nove dioceses que estão no Estado do Ceará estavam lá. Este Encontro foi a culminância de um processo de dois anos de rearticulação da PJ no Estado e teve por tema: “PJ no Ceará: Boa Nova em novos tempos” e o lema bíblico: “Não podemos deixar de falar das coisas que vimos e ouvimos” (At 4, 20). Este Encontro teve a presença de 120 jovens e assessores. Dentro da preparação desta atividade os jovens Gelmo Souza e Thiago Silveira compuseram a música *Minha Bandeira Vermelha*

Ouçó as vozes que ecoam na ciranda. A cantiga de paz, faz meu corpo dançar.  
Na garganta carrego o grito dos excluídos. O mantra que toca e eleva a minha  
oração ao Senhor que se deixa encontrar. (2x)

*O sol bate na minha bandeira vermelha, PJ! Traz o dia em bravo clarão  
Ilumina a face de um povo que canta, que reza, que luta e que age  
Do campo à cidade, mar, serra ou sertão desse meu Ceará.*

*O sol bate na minha bandeira vermelha, PJ! Traz o sonho de nova nação  
Se constrói da beleza no outro. Da gente que vive a diversidade  
Em comunidade e não cala a voz quando deve Quando falar.  
Êê êiê laia laia êiê laia laia (2x).*

Vejo os jovens buscando a liberdade. Marcham contra a violência  
Denunciam o sistema que insiste em nos exterminar  
Na memória eu trago a vida do grupo de base

<sup>3</sup> SOUZA; SILVEIRA, 2013.

Das mãos que plantaram a semente. Da comunidade, sinal do sagrado em nós.

*O sol bate na minha bandeira vermelha, PJ! Traz o dia em bravo clarão  
Ilumina a face de um povo que canta, que reza, que luta e que age  
Do campo à cidade, mar, serra ou sertão desse meu Ceará.*

*O sol bate na minha bandeira vermelha, PJ! Traz o sonho de nova nação  
Se constrói da beleza no outro Da gente que vive a diversidade  
Em comunidade e não cala a voz quando deve Quando falar.  
Êê êê laia laia êê laia laia (2x).*

*Minha Bandeira Vermelha* é uma música que, com sua melodia, já expressa o jeito de ser desta Pastoral. Não só começa falando de uma ciranda, mas se presta a ser dançada deste jeito. Vai descrevendo elementos presentes na caminhada da PJ: a ciranda, os mantras, atividades como o Grito dos Excluídos e a Campanha contra Violência e Extermínio de Jovens, o lugar do grupo de jovens e da comunidade eclesial. A pluralidade vivida na comunhão, o protagonismo juvenil e a militância expressos no trecho da música, pão de igualdade. Uma mística vivida na corporeidade, na militância, na comunitariedade, na teimosia.

O Ceará é conhecido como a *terra do sol*. Afirmar que o sol bate na bandeira vermelha, é falar de ser PJ no Ceará. Ele também é um símbolo do incondicional que ilumina a realidade e a vida do povo cearense. É neste sol que anima a vida de quem canta, reza, luta e age nas várias realidades do Estado: campo e cidade, litoral, região serrana e sertão. É o incondicional que faz brotar o *sol* de uma nação de igualdade e fraternidade. A preocupação última se manifesta no sonho e na prática, no que se busca e no que se escolhe. Na vida deste povo que é, *antes de tudo, um forte*, como afirmou Euclides da Cunha.

Dentro da dimensão profética da arte (CALVANI, 1998, p. 157-67), a música fala que os jovens “marcham contra a violência”, por que “buscam a liberdade”. Ao usar a expressão “insiste em nos exterminar” a canção faz uma denúncia e, ao mesmo tempo, afirma a postura combativa destes jovens. Eles lutam, o sistema insiste, eles não desistem.

Uma das marcas da experiência do incondicional entre os jovens “pejoteiros” é a vivência em grupo. Trazem gravados em si, na memória, o que



viveram nos grupos, o sonho de formar grupos. A comunidade como um sinal do sagrado. Deste povo que “vive a diversidade em comunidade” numa relação cooperativa de quem “se constrói da beleza no outro”. Um ato profético das possibilidades de novas relações a partir do que os mobiliza.

### **Na Cadência e na Realidade Amazônica – Puxirum das Juventudes da Amazônia: Hinos da 8ª Assembleia Regional da PJ do Norte 18ª**

Para a 8ª Assembleia Regional do Regional Norte 1, da CNBB, formado pelas 9 dioceses que estão na maior parte do Estado do Amazonas e o Estado de Roraima, foi composta a canção *Puxirum das Juventudes da Amazônia*. A Assembleia aconteceu em Manaus, em julho de 2011.

Do espelho das águas sagradas ecoa o nosso cantar  
Com nossos tambores e cuias, no compasso da cadencia, do nosso remar;  
Juventudes da imensa Amazônia, nas águas todos somos irmãos  
Trazemos no peito a esperança, unidos em Cristo, num só coração.  
Remamos contra as correntezas, como as piracemas nos rios  
Com dinamismo e coragem, renovar a vida e vencer desafios.

*Rema ligeiro, remador, traz as canoas da paz, as cuias do amor  
Vamos fazer Missão Jovem, no chão da Amazônia, fazer puxirum (bis)*

No grande painel da vida, com talas, tramas, corações  
Tecemos nossa caminhada. De braços unidos vencemos os dragões.  
Zoam ao som destas matas, clamores e 'ais' juvenil  
São filhos sedentos de vida, sua dor, e seu grito ninguém os ouviu  
Pés firmes, marchamos cantando. Se ergam as palmas das mãos  
Contra o extermínio da vida; que derramam sonhos, manchados no chão!

Pejoteiros somos desta terra, nas praças, nas ruas e rios  
Nas várzeas e nas terras firmes semeando o Evangelho, fazendo plantios.  
Na liturgia das matas, fonte de vida e de luz,  
A nossa fé celebramos, no rio da esperança com o jovem Jesus.  
Maria jovem Mãe cabocla, companheira em nossa jornada  
Nos banheiros da vida impetrai-nos coragem, santa mãe amada.

Sou índio, afro descendente, nordestino, sou do beiradão;  
Sou jovem agroextrativista, filho de colonos, posseiro do chão,  
Sou mito, sou conto, sou lenda, ribeirinho, migrante, rural  
Sou o eco das sapopembas, denunciando as forças da morte, do mal;  
Sou fé, sou amor, sou ternura; sou sonho, alegria e paixão  
Sou festa, também estou na luta; sou força; sou jovem real, sou irmão.

Cantando o incondicional manifesto na exuberância de sua natureza e costumes, este hino testemunha como estes jovens acolhem sua realidade e buscam, nela, pontos de vista e expressões que possam dar profundidade aos seus anseios libertários. Que os possibilite “remar contra as correntezas como as piracemas nos rios” as “juventudes da imensa Amazônia”. A valorização das culturas e expressões locais marcam a PJ e aparecem fortemente nesta composição. Contra uma visão que menospreza o norte do Brasil, e tudo que lhe é próprio, o hino sinaliza suas belezas e contradições. Ele é repleto de imagens e de paralelos.

No refrão, repetidas vezes, com o que tem e são, testemunham a força do que os anima. Fazem referência à ação missionária. De forma inculturada, abordam o seguimento de Jesus e da devoção a Maria. Sinalizam o valor de suas raízes indígenas. A última estrofe declara, com orgulho, suas origens. É a partir destas identidades e experiências que se dá sua militância.

### Conclusão

Tillich, em sua consciência do religioso presente em todas as produções culturais, nos apresenta um bom referencial teórico para uma aproximação das expressões artísticas. Convicto de que a religião é um elemento presente em toda cultura, buscou o incondicional que apresenta nela a partir da arte.

Na busca pelo que motiva as militâncias e identidades presentes na PJ, este referencial nos possibilitou aproximarmo-nos do que “corre nas veias” destes jovens que vivem sua experiência religiosa a partir do cristianismo da libertação. As composições da PJ deixam entrever o incondicional que os mobiliza. As quatro composições pesquisadas expressam momentos kairológicos da PJ. Na diversidade das circunstâncias abordadas, estas músicas mostram um segmento de jovens onde militância e missionariedade, articulação mais ampla e valorização das culturas locais, ternura e garra, individuo e comunidade são enfatizadas.

Participando de uma experiência que, desde seus primeiros passos, se fez comunitária, estes jovens configuram um caminho de seguimento de Jesus para

jovens que vivem esta experiência como expressão de seu compromisso com os empobrecidos. De um jeito que militância e religiosidade testemunham o incondicional que as possibilita.

### Referência Bibliografia

ALMEIRA, Manoel Nerys, *Puxirum das Juventudes da Amazônia*. Manaus, 2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=wRkFoKjue5k>> Acesso em 21 jun. 2014.

BÍBLIA EDIÇÃO PASTORAL. São Paulo: Paulus. 55ª Impressão, 2005.

BOX 1824. *Projeto Sonho Brasileiro*. Curitiba, 2011. Disponível em: <<http://www.pesquisa.osenhobrasileiro.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Entre Tillich e a Teologia da Libertação: reflexões pastorais na pós-modernidade. IN: *Revista Eletrônica Correlatio*. Nº 15 – Junho de 2009, <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/974/1018>> acesso em: 14 mai. 2014.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Momentos de beleza: Teologia e MPB a partir de Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*. Nº 8 – Outubro de 2005. <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/1742/1733>> acesso em: 14 mai. 2014.

CALVANI, Carlos Eduardo B. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO – CELAM. *Civilización del amor: proyecto y misión: Orientaciones para una Pastoral Juvenil Latinoamericana*. Documento CELAM nº 173. Bogotá: CELAM, 2012.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. Juventude, grupos de estilo e identidade. IN: *Educação em Revista*. Belo Horizonte, nº 30, dez/99.

DICK, Hilário, *Mínimo do mínimo para anunciar uma boa-nova à juventude*. Caderno Ciência e Fé. Vol 1. Nº 3. Curitiba: Champagnat, 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o Convertido: A religião em movimento*. Petrópolis: vozes. 2008.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: Religião e Política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MESTERS, Carlos. *Com Jesus na Contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Teologia no Plural: Fragmentos biográficos de Paul Tillich. In: *Revista Eletrônica Correlatio*. Nº 03 – Abril de 2003. Disponível em: <<file:///C:/Users/admin/Downloads/1798-3797-1-PB.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

SERRA, Wellington. *Pra Celebrar*, Vitória, 2010. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=TFjXN\\_aEBEY](http://www.youtube.com/watch?v=TFjXN_aEBEY)> e <<http://www.youtube.com/watch?v=H2WHzIr2qXw>>. Acesso em 21 jun. de 2014.

SILVA Joaquim Alberto Andrade, VIEIRA, Luís Duarte e SILVA, Roberta Agostinho (Org.) *Somos Igreja Jovem: Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer*, São Paulo: FTD, 2012.

SILVA, Tiago Arcego et all. *Canção da Esperança*. Chapecó. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M0ytJmFBv6E> Acesso em 21 jul. 2014.

SOFIATI, Flávio Munhoz. *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação*. São Carlos: EdUFSCar: 2012

SOUZA, Gelmo; SILVEIRA, Thiago, *Minha Bandeira Vermelha*, Itapagé, 2013. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=TEijjSgE8Zo>>. Acesso dia 21 de jun. 2014.

TILLICH, Paul. *A Dinâmica da Fé*. 3ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

TOLEDO, Joilson de Souza. #Vemprarua: Contemplação e Indignação na Mistica da Pastoral da Juventude. In: *Instruçados: Olhares sobre religião, cultura e sociedade*. Goiânia: América, 2014.

**Trabalho enviado em 27/02/2015. Trabalho aceito em 27/08/2015.**